



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Conjunto Habitacional Cidadão**

Manaus-AM, 27 de abril de 2009

Companheiros e companheiras do estado do Amazonas,

Companheiros e companheiras de Manaus,

Meu querido companheiro governador do estado, Eduardo Braga,

Meu querido prefeito de Manaus, Amazonino Mendes,

Companheiros ministros que me acompanham nesta delegação: Alfredo Nascimento, dos Transportes; Marcio Fortes, das Cidades; e a nossa companheira Márcia, que é a secretária executiva do Ministério da Saúde,

Quero cumprimentar o nosso vice-governador,

Quero cumprimentar os deputados estaduais, os deputados federais, os senadores,

E dizer para vocês da alegria imensa de estar outra vez em Manaus. Alegria de poder entregar a chave de uma casa humilde para um trabalhador humilde deste país e desta cidade.

Quando eu estava entregando a chave da casa para o Gilberto... Não sei se vocês perceberam, o Gilberto é portador de deficiência visual. Ele não enxerga. Eu me lembro, Gilberto – eu fui visitar uma casa – da primeira casa que eu adquiri pelo Sistema Financeiro da Habitação. Era uma casa que tinha três quartos de 3x3 metros, mais uma sala e um banheiro. Ao todo, a casa tinha 33 metros quadrados. Foi lá que eu e Marisa compramos a nossa primeira casa e, dessa casa, pelo fato de ela ter um terreno de 123 metros quadrados, eu pude, ao longo de dez anos, ir construindo, tijolo por tijolo... Fiz um sobrado, fiz uma varanda e a minha casa ficou parecendo uma casa chique, que nem era [parecia] uma casa popular de uma pessoa que não podia pagar uma grande prestação.



Estas casas aqui são pequenas, elas têm 38 metros. Mas elas têm um terreno de 116 metros quadrados. Portanto, um terreno igual ao da casa em que eu morava no Jardim Lavínia, lá em São Bernardo do Campo, a mais ou menos 1.500 metros de onde fica a Volkswagen. Lá nasceram todos os meus filhos, e lá eu criei... Nessa casa pequena eu criei meus quatro filhos homens, que nasceram nessa casa.

Eu sei que um ser humano tem algumas paixões. A minha era uma casa, porque a casa é a segurança, a casa é o lugar onde a gente tem certeza que vai criar os filhos da gente. A casa é o abrigo mais nobre que uma mulher e um homem querem para os seus filhos. É a proteção, é a garantia de que as pessoas conquistaram cidadania. É a garantia de que as pessoas vão ter um endereço, vão ter um número de casa, e é a certeza absoluta de que as pessoas não vão ficar peregrinando de vila em vila, de bairro em bairro onde, muitas vezes, o carteiro não consegue nem descobrir onde as pessoas moram.

Queria que vocês compreendessem o que está acontecendo no Brasil neste momento. Durante mais de 20 anos, este país ficou perdido nas mazelas administrativas e econômicas. Este país não crescia, este país não gerava emprego, este país não construía casas, este país não dava tratamento ao saneamento básico, e este país foi ficando atrofiado. O número de pobres foi se espalhando pela periferia, e os ricos foram comprando apartamentos cada vez mais altos, com medo dos pobres que moravam lá embaixo, espalhados pelas regiões metropolitanas dos grandes centros brasileiros. Era preciso colocar um fim nisso, e era preciso construir as bases para que a gente pudesse começar a mudar este país.

Vocês se lembram quando, em 2003, eu cheguei à Presidência da República. Alguns torciam para que nada desse certo, alguns mostravam todo o seu preconceito. Se os doutores não conseguiram salvar este país, como é que um retirante nordestino, que só tem quatro anos de escolaridade e um curso do Senai, vai querer consertar o país que os doutores não conseguiram



governar? Essas pessoas se esqueceram de alguns ingredientes básicos na nossa passagem pela Terra, essas pessoas se esqueceram dos ingredientes mínimos que um ser humano tem que dar para poder vencer na vida. E essas pessoas não percebem: a gente não governa este país e nenhum país do mundo, se a gente tentar utilizar apenas os números que a gente aprende na universidade, se a gente ficar discutindo o “economês do economês”, se a gente ficar teorizando as histórias que a gente ouve. Este país só vai dar certo, e só está dando certo porque a gente não nega os números, a gente não nega os fatos. Este país não pode ser governado apenas com a inteligência da cabeça, mas tem que ser governado com o sentimento do coração dos nossos governantes.

O povo não é um número estatístico. Não basta a gente saber que este país tem pobres, não basta a gente saber que eles passam necessidades. É preciso a gente ir a fundo e conhecer a alma da nossa gente, é preciso ir a fundo e olhar nos olhos de cada mulher, de cada criança. Está escrito na Constituição: todos têm que ser tratados em igualdade de condições, todos têm direito a uma moradia, todo mundo tem direito à educação. Por que isso nunca foi feito? Porque este país sempre foi governado para 35% da população. Este país, durante um século, foi governado apenas para 35% da população, da classe média alta para a classe média rica, da classe média rica para os mais ricos. E o que aconteceu? Os pobres foram ficando mais pobres.

Eu me lembro, meu caro governador do Amazonas, meu caro prefeito, companheiros deputados, que em 1970 São Paulo só tinha duas favelas, duas favelas. Hoje São Paulo tem mais de 2 milhões de habitantes morando em favelas. O Rio de Janeiro era a cidade maravilhosa, e hoje o Rio de Janeiro está cercado por favelas. Manaus construiu a chamada Zona Franca. Poderia ter se transformado na cidade mais extraordinária, mas como não teve desenvolvimento no interior, o povo do interior veio para Manaus, e Manaus também se transformou em uma cidade caótica do ponto de vista



administrativo, porque as pessoas pararam, começaram a ir morar nas encostas dos igarapés, as pessoas passaram a morar em lugares inadequados.

Vamos ser francos: a classe política também tem culpa. Não é apenas o pobre que invadiu. É porque tem vereadores, tem prefeitos, tem deputados que fazem campanha, incentivando as pessoas a morarem em lugares inadequados. Isso vale para cá, vale para São Paulo, vale para Pernambuco. Passou a haver uma relação de desrespeito à dignidade do ser humano, e fomos levando os pobres a viverem um processo de degradação. Mulheres e homens morando com seus filhos em quartos de 3x3 metros. Ali faziam as suas necessidades fisiológicas, ali cozinavam, ali faziam sexo, ou seja, era a promiscuidade na família por falta de espaço, por falta de respeito.

Eu sei que nós ainda estamos longe de fazer as mudanças que precisam ser feitas, mas se a imprensa quisesse me ajudar e se a imprensa fosse pesquisar, iria perceber que, nesses seis anos de governo, a Caixa Econômica investiu mais em habitação do que em tantas décadas passadas, em que não se construía habitação neste país. Se quiserem pesquisar, para mostrar a verdade, nós vamos ver quanto foi investido para cuidar do esgoto deste país, para coletar o esgoto e fazer saneamento básico. Em 2002 foram liberados apenas R\$ 262 milhões e não tinha continuidade. Em um ano, colocava-se 200 milhões, e passavam-se três anos sem colocar nada. [Para] cuidar de saneamento básico, tem que ter um processo de continuidade, a cada ano colocando um pouco para que a gente não pare nunca mais.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu sei o quanto nos achincalharam quando eu criei o Bolsa Família. Alguns diziam: “O que o Lula está fazendo é assistencialismo, o que o Lula está fazendo é populismo. Para quê dar R\$ 80, R\$ 70?” É verdade. Para um rico, que dá R\$ 100 de gorjeta depois de tomar uísque em um restaurante bom, não vale nada. Mas para uma mãe de família, pobre, da periferia, pegar R\$ 80



e ir ao supermercado, ela vai comprar as calorias e as proteínas necessárias para sustentar o seu filho durante 15 ou 20 dias.

Eu me lembro – e eu estou dizendo aqui porque estou no meio dos pobres – de quando eu criei o ProUni. Quando eu criei o ProUni, alguns diziam: “O Lula está querendo que pobres da periferia entrem na universidade, ele vai rebaixar o nível da Educação, ele vai rebaixar. O nível tem que ser alto.” Conclusão: depois de três anos foi feita uma avaliação. Os melhores alunos, em 15 matérias, eram exatamente os estudantes pobres da periferia deste país, que tiveram a oportunidade de entrar em uma escola.

Quando eu entrei neste governo, o governo gastava R\$ 2 bilhões com a agricultura familiar. Hoje nós gastamos... Gastamos coisa nenhuma, investimos R\$ 13 bilhões. Quando eu entrei neste país, no governo, sabem qual era o crédito disponível para o País inteiro? Sabem quanto o País tinha de crédito, o Brasil inteiro? Trezentos e oitenta bilhões de reais. Hoje, só o Banco do Brasil, tem o tanto que o Brasil tinha há seis anos, e o Brasil hoje tem mais de 1 trilhão e 400 bilhões de crédito.

O dado concreto... Você, também, não pode falar. Você falou que “o cara” era o Eduardo. Agora, eu sou “o cara”? Deixem-me falar. Na verdade, quem são “os caras” são vocês, porque vocês têm paciência, porque vocês aprenderam a esperar e, sobretudo, porque vocês aprenderam a acreditar. Vocês aprenderam a saber quem fala a verdade olhando nos olhos de vocês, e quem mente, descaradamente, às vésperas de cada eleição, prometendo... Quando eu tomei posse, a primeira coisa que eu fiz, a pedido desses companheiros, foi elevar a Zona Franca até 2023, porque ia acabar em 2013. Tem gente que não gosta, porque acha que é fazer favor para o Amazonas. Só não gosta da Zona Franca quem nunca pôs os pés aqui neste estado. Somente assim...

Mais recentemente, este rapaz me telefona e fala: “Presidente, a fábrica de motos está mandando gente embora. Precisamos dar um jeito.” Nós demos



jeito em uma semana. Reduzimos PIS e Cofins das motos para que se venda mais motos, para que em São Paulo, no Rio de Janeiro, lá em Pernambuco, a gente possa andar nas motos e dizer: esta aqui foi feita por um cabra ou uma mulher do estado do Amazonas.

Agora, companheiros e companheiras, hoje eu vim aqui por um motivo muito especial. Há muito tempo eu venho pedindo para o Eduardo, eu queria visitar a Colônia Antônio Aleixo. Na verdade, o Eduardo dizia para mim: “Lula, pelo amor de Deus, não fale hanseníase, porque o pessoal não gosta que fale hanseníase.” Hanseníase, para nós, mais velhos... antigamente era chamada de lepra. Lepra foi a primeira doença que fez com que os donos do poder marginalizassem os leprosos, confinados em ilhas, em guetos, em lugares que ninguém poderia chegar.

Eu vim hoje visitar, abraçar cada mulher e cada homem, dar um beijo em cada um, para eles saberem que quando eu falo que sou presidente de todos é porque eu quero tratar um banqueiro com respeito, quero tratar um grande empresário com respeito, mas a minha prioridade é tratar aquele meu irmão mais necessitado, aquele que teve menos sorte na vida, para ele sentir que o Estado está do lado dele. Ele tem que sentir que o presidente da República, da mesma forma que estica a sua mão para pegar na mão da Rainha da Inglaterra ou do presidente Obama, ele estica a mão para pegar em um companheiro hanseniano, um companheiro que não tem mais os membros, com o mesmo respeito, com a mesma dignidade. É assim que a gente vai criar o mundo justo que todo mundo sonha e que todo mundo quer.

Eu estou aqui hoje – o Eduardo já falou, a Dilma já falou – mas eu estou aqui porque, uns três meses atrás, eu chamei o ministro Guido Mantega, chamei a ministra Dilma e falei: eu quero construir um grande programa habitacional. Aí, fomos conversar, primeiro, com os empresários que sabem fazer. Aí os empresários falaram para a Dilma, não para mim: “Olha, nós temos capacidade de fazer 200 mil casas, e olhe lá”. Eu falei para a Dilma: 200 mil



casas eu não quero. Aí, chamamos o Guido Mantega. O Guido Mantega: “É, Presidente, acho que dá para fazer 500 mil.” Eu falei: nem 200 e nem 500 mil. Nós queremos fazer 1 milhão de casas populares neste país, privilegiando as pessoas que ganham de 0 a 3 salários mínimos, em primeiro lugar. Depois, privilegiando as pessoas que ganham de 3 a 5, depois fazendo casas para os setores médios, de 6 a 10. Aí, chamamos os governadores, para discutir com todos os 27 governadores. Depois chamamos os prefeitos das capitais para discutir com os 27 [governadores]. Depois chamamos as centrais sindicais, depois chamamos os trabalhadores rurais, e depois chamamos os companheiros que cuidam de moradia neste país, todas as centrais do movimento popular, para que a gente possa...

É um desafio. Não é uma coisa fácil construir 1 milhão de casas e dar garantia de que as pessoas vão pagar de R\$ 50 a R\$ 150 de prestação, dar garantia de que um trabalhador que ganha até 3 salários mínimos, se perder o emprego, ele pode ficar até três anos sem pagar a casa, passando a prestação para o final, para não perder a sua casa. Quem ganha acima disso, pode ficar quatro meses e quem ganha até dez [salários mínimos], pode ficar até 12 meses. O mais importante é que enquanto o cidadão não receber a chave da casa, ele não paga nada. Hoje, qual é a dificuldade? A pessoa mora em um barraquinho, paga R\$ 200 ou R\$ 300 de aluguel. Aí ela vai comprar uma casa, são mais R\$ 200 de prestação, e ela não tem como pagar. Então, agora ela só vai pagar quando receber a chave da sua casa para ela entrar.

Isso não vai resolver todos os problemas, porque ainda tem muito mais para a gente fazer. Mas se a gente aprender – e os movimentos de moradia têm um papel importante – junto com os movimentos, junto com os empresários, junto com os governadores, junto com os prefeitos, junto com a Caixa, a fazer 1 milhão de casas em dois anos, podem ficar certos de que quem vier depois de mim vai ser obrigado a fazer 2 milhões de casas ou muito mais.



Eu acho, companheiros e companheiras, que a hora é de trabalhar. Vocês estão vendo uma crise econômica na televisão, de manhã, à tarde e à noite. É a primeira crise que não acontece nos países pobres. Essa crise aconteceu onde? Nos Estados Unidos e na Europa. De vez em quando eu falo que estou rezando mais pelo Obama do que por mim, porque o Obama é presidente do país mais rico do mundo, mais poderoso do mundo, e ele está com um pepino muito maior do que o pepino que eu descasquei em 2003. Eu também não sei se todo mundo gosta de pepino, porque pepino é pouco digestivo. Como muitas vezes eu não tinha o que comer e pepino era uma solução, eu aprendi a digerir pepino. Eu estou pedindo a Deus que o Obama digira os pepinos dele, para que o Brasil possa [ficar] melhor. Uma coisa eu vou assegurar para vocês - eu, este companheiro, os meus ministros: é que o povo pobre não pagará por essa crise. Essa crise não foi causada pelos pobres do mundo, essa crise foi causada pelos ricos, pelos banqueiros. É por isso que nós estamos fazendo todo o esforço do mundo, é por isso que a gente está reduzindo impostos, é por isso que a gente está incentivando a produção. É porque nós queremos garantir empregos, porque o emprego garante o salário, porque o salário garante o poder de consumo e porque tudo isso faz a roda da economia funcionar e não parar nunca.

É por isso que eu estou feliz, porque eu vim hoje aqui ver a ponte lá no rio Negro. Aquela ponte que tem 2 mil trabalhadores trabalhando ali para fazê-la funcionar, e estão trabalhando em mais de um turno. É por isso que nós vamos visitar o porto, onde está [sendo feito] também um porto decente para receber as balsas que vêm das outras cidades. É por isso que viemos aqui, há pouco, visitar um hospital que está com cheiro de tinta, novinho, e vai começar a funcionar. Deus queira que nunca tenha um doente para ir lá, Deus queira que nunca tenha, mas se tiver, que tenha médicos preparados para cuidar dele.

É por isso, meus companheiros, que eu estou aqui agora entregando



duzentas e poucas casas, 500 casas. Eu fui ali numa casa, tinha até um café gostoso, e eu falei: como é que eu posso tomar café, se o povo está lá, sem tomar café? Como é que eu vou encher o meu bucho, se o povo está de bucho vazio? O Eduardo, não, o Eduardo comeu em algum lugar, antes de chegar aqui.

Agora, companheiros, hoje é um dia feliz para mim, é um dia feliz. Primeiro, porque eu sou um homem que tem muita fé em Deus, eu sou um homem que acredita. E tem uma razão para eu acreditar em Deus, é que de vez em quando eu fico procurando explicação de como é que o Lula chegou à Presidência da República do Brasil. Eu fico pensando: eu nasci no Nordeste, não tive grandes estudos. Eu [fico] pensando: este país era governado por advogados, por médicos, por empresários, por fazendeiros. De repente, chega um torneiro mecânico, que perdeu três eleições, e ganha! Eu só posso dizer, Eduardo: tem o dedo de Deus nessa coisa, tem. E ainda eu posso dizer, sem medo de errar: o Amazonino foi governador por três mandatos. Você conviveu com Collor, você conviveu com quem quer que você tenha convivido. Eu duvido, e falo sem medo de errar, que tenha tido na história do estado do Amazonas, algum governador que tivesse a relação com o governo federal, que tem esse companheiro, duvido. E não é apenas o Eduardo Braga, são todos os governadores do país, porque eu não trato o povo por conta do governador, não trato. E não trato o povo por conta do prefeito. O prefeito pode ser de qualquer partido, não me importa. Se eu tiver que fazer um acordo com ele, eu faço, porque eu não quero dar vantagem ao prefeito ou ao governador. O que nós queremos é que esse povo saia da miséria em que ele foi (incompreensível) durante um século e meio.

Por isso, meu querido Eduardo, meu querido ministro Alfredo... O Alfredo, agora, tem um compromisso conosco, que é fazer a BR-319. E não é um compromisso dele, é um compromisso nosso. É uma questão de honra para nós poder ir de carro daqui para Porto Velho, sem precisar ficar dias, de



barco.

Então, meus queridos e queridas companheiras, eu quero me despedir porque as pessoas... eu não vou nem falar do gol do Ronaldão, ontem, não vou falar. Mas eu vou falar uma coisa para vocês: eu fui pego pela televisão, no sábado à noite, [com] esta moça aqui - no Jornal Nacional, no Hospital das Clínicas de São Paulo - dizendo que ela vai ter que fazer um processo de quimioterapia para evitar uma futura doença mais grave, no futuro. Eu não vou entrar em detalhes. A única coisa, Dilma, que eu te peço, que você olhe com atenção: olhe na cara deste povo. Este povo não perde a esperança nunca. Se você não rezava toda noite, você agora trate de começar a rezar, porque este povo vai precisar muito de você daqui para a frente e você vai ter que fazer muita coisa por este povo. Portanto, eu quero dizer para vocês, para dizer para a Dilma na frente de vocês: Dilma, não há nada que te faça esmorecer. Se a gente tiver fé em Deus e se a gente acreditar nos ideais, qualquer que seja a doença, a gente leva ela aos trancos e barrancos e a gente consegue derrotá-la. E este povo merece te ajudar a derrotar essa doença.

Meu querido companheiro, um grande abraço, um grande beijo, que Deus abençoe todos vocês, e até a próxima visita ao Amazonas e a Manaus.

Um abraço.

(\$211 A)